

## FICHA TÉCNICA

Título original: *His Dark Materials – Northern Lights*

Autor: *Philip Pullman*

Copyright © 1995 by Philip Pullman

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2001

Tradução: *Maria do Rosário Monteiro*

Ilustração da capa © Chris Wormell, 2017

Ilustração da capa reproduzida sob autorização da Scholastic Ltd.

Pré-impresão, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

3.<sup>a</sup> edição (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> edições na coleção *Estrela do Mar*), Lisboa, julho, 2003

Reimpressão, Lisboa, janeiro, 2018

Depósito legal n.º 269 836/08

A tradutora não escreve segundo o Acordo Ortográfico de 1990. A sua aplicação, após a entrega da tradução, deve-se à política da Editorial Presença para os livros destinados ao público juvenil.

Reservados todos os direitos

para Portugal, à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

# ÍNDICE

## PRIMEIRA PARTE: OXFORD

1. A Garrafa de Vinho Tokay .....	13
2. O Norte.....	26
3. O Mundo de Lyra .....	40
4. O Aletiómetro .....	68
5. A Festa .....	80
6. As Redes de Arremesso.....	94
7. John Faa .....	104
8. A Frustração .....	120
9. Os Espiões .....	129

## SEGUNDA PARTE: BOLVANGAR

10. O Cônsul e o Urso.....	147
11. A Armadura.....	164
12. O Rapazinho Perdido .....	182
13. Uma Lição de Esgrima.....	191
14. As Luzes de Bolvangar.....	205
15. As Gaiolas de Génios.....	219
16. A Guilhotina Prateada.....	233
17. As Feiticeiras.....	245

## TERCEIRA PARTE: SVALBARD

18. Gelo e Nevoeiro.....	267
19. O Cativoiro.....	282
20. O Combate até à Morte .....	298
21. As Boas-Vindas de Lorde Asriel.....	312
22. A Traição.....	326
23. A Ponte para as Estrelas.....	334

## A GARRAFA DE VINHO TOKAY

Lyra e o seu génio atravessaram o grande refeitório que mergulhava lentamente na penumbra, tendo o cuidado de se deslocarem encostados à parede para não serem vistos da cozinha. As três grandes mesas que ocupavam toda a extensão da sala já estavam postas para a refeição que se avizinhava, as pratas e os cristais captando a pouca luz do salão e os longos bancos colocados junto às mesas, prontos para receberem os convidados. As paredes estavam decoradas com os retratos dos anteriores Mestres. Lyra aproximou-se do estrado, olhou para trás, para a porta aberta que dava para a cozinha, e, não vendo ninguém, subiu-o e ficou de pé ao lado da mesa principal. Aqui, os lugares tinham talheres de ouro, e não de prata, e, em vez de bancos de carvalho, havia catorze cadeiras de mogno com almofadas de veludo.

Lyra parou junto da cadeira do Mestre e bateu delicadamente com a ponta do dedo no copo maior. O som souou cristalino através do refeitório.

— Não estás a levar isto a sério — murmurou o génio de Lyra.  
— Comporta-te como deve ser.

O génio de Lyra chamava-se Pantalaimon e, naquele momento, assumia a forma de uma traça castanho-escura a fim de passar despercebido na escuridão do refeitório.

— Eles estão a fazer demasiado barulho na cozinha para poderem ouvir — respondeu Lyra num murmúrio. — E o Ecónomo só chega depois do primeiro toque. Não te preocupes.

Mas, mesmo assim, Lyra colocou a mão sobre o copo que tilintava enquanto Pantalaimon, batendo freneticamente as asas, se dirigiu para

a porta ligeiramente entreaberta que dava para a Sala Reservada, situada do outro lado do estrado. Momentos depois reapareceu.

— Não está ali ninguém — murmurou. — Mas temos de agir depressa.

Acocorando-se atrás da mesa alta, Lyra gatinhou ligeira e entrou na Sala Reservada, onde se levantou e olhou em volta. A única luz que iluminava aquele espaço era a que provinha da lareira, onde os troncos de lenha incandescentes pareceram acalmar ligeiramente quando ela olhou, lançando uma vaga de fagulhas para a chaminé. Lyra vivera a maior parte da sua vida no Colégio, mas nunca antes entrara na Sala Reservada; apenas os Académicos e os seus convidados tinham autorização para entrar ali, e nunca fora permitida a entrada de uma mulher naquele espaço. Nem mesmo as criadas faziam a limpeza da Sala Reservada. Essa era uma função que competia exclusivamente ao Mordomo.

Pantalaimon poisou no ombro de Lyra.

— Já estás satisfeita? Podemos ir-nos embora? — perguntou num murmúrio.

— Não sejas palerma! Quero dar uma vista de olhos a isto!

Era uma sala grande, com uma mesa oval de pau-rosa polido sobre a qual estavam colocadas várias garrafas de cristal e copos, bem como um moinho de tabaco prateado e um porta-cachimbos. No aparador, colocado perto da mesa, estava um queimador a álcool e um cesto com cabeças de papoilas.

— Eles não se tratam nada mal, pois não, Pan? — exclamou Lyra em voz baixa.

Sentou-se numa das cadeiras de braços forradas de couro verde. Era tão funda que Lyra quase ficou deitada, mas endireitou-se e sentou-se sobre as pernas dobradas para poder observar os retratos pendurados nas paredes. Eram provavelmente de antigos Mestres: envergavam togas e as faces, com longas barbas e olhares sombrios, observavam-na com uma censura muda e solene.

— Sobre o que é que tu achas que eles falam? — perguntou Lyra, ou pelo menos começou a perguntar, porque, antes de terminar a frase, ouviu vozes do outro lado da porta.

— Atrás da cadeira... depressa! — murmurou Pantalaimon e, como um relâmpago, Lyra saltou da cadeira e acocorou-se atrás desta. Não era propriamente um bom esconderijo: Lyra tinha-se sentado numa das cadeiras que estavam colocadas no meio da sala e se não se mantivesse muito quieta...

A porta abriu-se e a luz da sala modificou-se: um dos recém-chegados trazia um candeeiro que colocou sobre o aparador. Lyra conseguia ver as pernas das calças verde-escuras e os sapatos pretos brilhantes. Era um criado.

Depois souou uma voz profunda que perguntou: — Lorde Asriel já chegou?

Era o Mestre. Enquanto sustinha a respiração, Lyra observou o génio do criado (uma cadela, como acontecia com a maioria dos génios dos criados), que entrou trotando na sala e depois se sentou calmamente junto do seu ser humano. Subitamente, os pés do Mestre ficaram também visíveis, enfiados nos sapatos pretos gastos que sempre usava.

— Não, Mestre — respondeu o Mordomo. — Também ainda não nos chegaram notícias da Aerodoca.

— Penso que ele virá com fome. Quando chegar, condu-lo diretamente ao Refeitório, está bem?

— Muito bem, Mestre.

— Já decantaste um pouco daquele Tokay especial para ele?

— Sim, Mestre. Da colheita de 1898, como haveis ordenado. Sua Senhoria é um grande apreciador da colheita desse ano, recordo-me bem.

— Ótimo. Agora deixa-me só, por favor.

— Vai precisar do candeeiro, Mestre?

— Sim, deixa-o também. Durante o jantar não te esqueças de vir espevitar o pavio do candeeiro, está bem?

O Mordomo fez uma ligeira vénia e virou-se, preparando-se para abandonar a sala, o seu génio trotando obedientemente atrás de si. Do seu esconderijo, que deixava muito a desejar, Lyra observou o Mestre, que se dirigiu para um pesado armário de carvalho situado num dos cantos da sala, retirou uma beca do cabide e vestiu-a devagar. O Mestre tinha sido um homem desenvolto, mas já passara há muito dos setenta anos e os seus movimentos eram agora rígidos e lentos. O génio do Mestre tinha a forma de uma corva e, assim que o homem acabou de vestir a beca, ela desceu do armário e colocou-se no seu lugar preferido, sobre o ombro direito do Mestre.

Lyra conseguia sentir Pantalaimon eriçar-se devido à ansiedade, apesar de ele não fazer qualquer barulho. Quanto a ela, sentia-se agradavelmente excitada. A visita referida pelo Mestre, Lorde Asriel, era tio dela, um homem que Lyra muito admirava e temia simultaneamente. Dizia-se que ele estava envolvido na alta política, em pesquisas

secretas, em guerras distantes e ela nunca sabia quando é que o tio iria aparecer. Ele era cruel: se a apanhasse ali, naquela sala, seria severamente punida, mas isso era algo que Lyra conseguia suportar.

Contudo, o que observou depois alterou completamente os seus planos iniciais.

O Mestre tirou do bolso um papel dobrado e colocou-o sobre a mesa. Retirou a rolha do gargalo da garrafa de cristal que continha o vinho excepcional, desdobrou o papel e deitou um fio de pó branco dentro da garrafa antes de amarrotar o papel e o deitar no fogo que ardia na lareira. Depois, tirou um lápis do bolso e mexeu o vinho até o pó se dissolver completamente e voltou a colocar a rolha na garrafa.

A corva soltou um breve grasnido. O Mestre murmurou uma resposta e olhou em volta, com os olhos semicerrados e enevoados, antes de sair da sala pela mesma porta por onde tinha entrado.

Lyra murmurou: — Viste aquilo, Pan?

— É claro que vi! Agora despacha-te antes que o Ecónomo chegue!

Contudo, mal acabou de falar, ouviu-se o som da campainha ecoar uma vez no outro extremo do Refeitório.

— É a campainha do Ecónomo! — exclamou Lyra. — Pensava que teríamos mais tempo.

Pantalaimon voou rápido até à porta que dava para o Refeitório e regressou depressa.

— O Ecónomo já está ali — exclamou. — E tu não podes sair pela outra porta...

A outra porta, aquela pela qual o Mestre tinha entrado e saído, dava para o movimentado corredor que ligava a Biblioteca à Sala Comum dos Académicos. Àquela hora do dia estaria apinhado de homens vestindo as suas becas para o jantar e apressando-se a deixar as pastas na Sala Comum, antes de entrarem no Refeitório. Lyra tinha planeado sair pelo mesmo caminho por onde tinha entrado, contando ter ainda alguns minutos antes de a campainha do Ecónomo soar.

E se não tivesse observado o Mestre a deitar aquele pó no vinho, ela até podia ter arriscado a explosão de fúria do Ecónomo, ou ter mesmo tentado passar despercebida no corredor apinhado. Mas Lyra estava confusa e isso fez com que hesitasse.

Então Lyra escutou o som de passos pesados sobre o estrado. O Ecónomo entrava para se certificar de que a Sala Reservada estava pronta para que os Académicos saboreassem as papoilas e o vinho depois do jantar. Lyra correu para o armário de carvalho, abriu uma das portas e escondeu-se lá dentro, fechando a porta no momento

exato em que o Ecónomo entrava na Sala. Ela não receava por Pantalaimon: a sala estava cheia de sombras coloridas e ele podia sempre esconder-se debaixo de uma cadeira.

Lyra podia ouvir a respiração asmática do Ecónomo e, através da pequena abertura que ficara ao não fechar completamente a porta do armário, observou-o a endireitar os cachimbos e a deitar uma olhadela às garrafas e aos copos. Depois, ele alisou o cabelo sobre as orelhas, com as duas mãos, e disse qualquer coisa ao seu génio. Como ele era um criado, o seu génio era uma cadela; mas como era um criado de uma categoria superior, também a cadela era de raça. Na realidade, tinha a forma de uma *setter* vermelha. A cadela parecia desconfiada, andando em volta da sala como se pressentisse a presença de um intruso, mas não se dirigiu ao armário, para profundo alívio de Lyra. Lyra tinha medo do Ecónomo, que já lhe batera por duas vezes.

Lyra escutou um ligeiro murmúrio. Obviamente Pantalaimon tinha conseguido esgueirar-se para junto dela.

— Agora vamos ter de ficar aqui. Porque é que nunca *me* dás ouvidos?

Lyra não respondeu até o Ecónomo ter saído. Era função dele supervisionar a forma como era servida a mesa principal; Lyra podia ouvir os Académicos a entrarem no Refeitório, o murmúrio de vozes, o ruído dos pés arrastando-se no chão.

— Ainda bem que não dei — retorquiu Lyra num murmúrio. — Ou não teríamos visto o Mestre a deitar veneno no vinho. Pan, aquele era o Tokay de que ele falou ao Mordomo! Eles vão matar Lorde Asriel!

— Tu não sabes se é veneno.

— Oh, é claro que é. Não te lembras, ele mandou o Mordomo embora da sala antes de fazer aquilo? Se era assim tão inocente, não teria feito diferença que o Mordomo visse. E eu sei que se passa qualquer coisa... talvez política. Há dias que os criados falam acerca disso. Pan, nós podemos impedir um assassinio!

— Nunca ouvi uma asneira tão grande — respondeu ele bruscamente. — Como é que achas que vais conseguir ficar quieta durante quatro horas dentro deste armário tão acanhado? Deixa-me ir ver como está o corredor. Eu aviso-te quando estiver livre.

Pantalaimon levantou voo do ombro da rapariga e Lyra viu a pequena sombra do génio aparecer no pequeno raio de luz.

— Não vale a pena, Pan, eu vou ficar aqui — disse. — Está aqui outra beca ou uma coisa parecida. Vou deitá-la no chão e instalar-me confortavelmente. Eu *tenho* de descobrir o que eles fazem.

Ela tinha permanecido todo aquele tempo acocorada. Levantou-se cuidadosamente, procurando os cabides às apalpadelas a fim de evitar fazer barulho, e descobriu que o armário era, na realidade, maior do que imaginara. Encontrou várias becas e barretes, alguns debruados a pele, a maioria forrados de seda.

— Pergunto-me se estas roupas serão todas do Mestre? — murmurou. — Quando ele recebe graus honorários de outros sítios, talvez eles lhe deem roupas vistosas e ele as deixe aqui para quando tem de vestir roupas de cerimónia... Pan, achas mesmo que aquilo do vinho não é veneno?

— Não — respondeu o génio. — Penso o mesmo que tu. E penso também que não temos nada a ver com isso. E penso que, se interviermos, será a maior asneira que alguma vez fizemos nesta vida repleta de palermices. Não temos nada a ver com aquilo.

— Não seas estúpido! — protestou Lyra. — Não posso ficar aqui sentada enquanto o envenenam!

— Então vamos para outro lugar qualquer.

— És um covarde, Pan.

— É claro que sou. Posso perguntar-te o que é que pensas fazer? Vais saltar daqui para fora e arrancar-lhe o copo dos dedos trémulos? O que é que te passou pela cabeça?

— Eu não estava a pensar em nada, e tu sabes isso muito bem — retorquiu Lyra, bruscamente, em voz baixa. — Mas agora que vi o que o Mestre fez, não tenho outra hipótese. És o especialista em questões de consciência, não és? Como é que eu posso simplesmente ir-me embora e sentar-me na Biblioteca ou em qualquer outro sítio, rodando os polegares, sabendo o que vai acontecer aqui? Não tenho a mínima intenção de fazer isso, garanto-te.

— Isto era o que tinhas em mente desde o início — continuou o génio, passado um momento. — Tu querias esconder-te aqui e espiar. Como é que eu não percebi isso antes?

— Está bem, tens razão — anuiu Lyra. — Toda a gente sabe que eles fazem algo secreto aqui. Têm um ritual, ou qualquer coisa do género. E eu só queria descobrir o que era.

— Não temos nada a ver com isso! Se eles pretendem divertir-se com os seus pequenos segredos, tu devias simplesmente sentir-te superior e deixá-los em paz. Esconder-se e espiar é próprio de crianças palermas.

— Era exatamente isso que eu estava à espera de que tu dissesses. Agora para de embirrar.



Sentaram-se os dois em silêncio, por um momento, Lyra instalada desconfortavelmente no chão do armário e Pantalaimon arrogantemente enroscando as antenas temporárias numa das becas. Lyra sentia uma onda de pensamentos confrontando-se na sua cabeça e desejava profundamente partilhá-los com o seu génio, mas ela também era orgulhosa. Talvez devesse tentar ordenar as ideias sozinha, sem a ajuda dele.

O que mais a perturbava era a ansiedade que sentia, e não era por ela própria. Tinha estado em apuros tantas vezes antes que já estava habituada. Desta vez, Lyra sentia-se ansiosa por Lorde Asriel e por tudo o que aquilo significava. As visitas dele ao Colégio não eram frequentes e o facto de aquela acontecer numa altura de grande tensão política significava que Lorde Asriel não tinha vindo simplesmente para comer, beber e fumar com uns velhos amigos. Ela sabia que tanto Lorde Asriel como o Mestre eram membros do Gabinete do Conselho, o corpo especial de conselheiros do Primeiro-Ministro, pelo que era possível que a visita estivesse relacionada com isso, mas os encontros do Gabinete do Conselho tinham lugar no Palácio, e não na Sala Reservada do Colégio Jordan.

Para além disso, havia também aquele boato que fizera com que os criados do Colégio passassem os dias a murmurar. Dizia-se que os Tártaros tinham invadido a Moscóvia e avançavam em vagas em direcção a São Petersburgo, de onde estariam em posição de dominar o mar Báltico e, eventualmente, toda a Europa Ocidental. E Lorde Asriel tinha estado no extremo Norte: quando ela o vira pela última vez, ele preparava uma expedição à Lapónia...

— Pan — murmurou Lyra.

— Sim?

— Pensas que vai haver uma guerra?

— Não para já. Lorde Asriel não viria jantar aqui se a guerra estivesse para eclodir na próxima semana, ou coisa parecida.

— É o que eu pensava. Mas mais tarde?

— Chiu! Vem aí alguém.

Lyra endireitou-se e encostou um olho à greta da porta. Era o Mordomo, que vinha espevitado o pavio do candeeiro, tal como o Mestre lhe tinha ordenado que fizesse. A Sala Comum e a Biblioteca eram iluminadas por luz ambárica, mas os Académicos preferiam a iluminação mais tradicional e suave da nafta na Sala Reservada. Não trocariam a iluminação enquanto o Mestre fosse vivo.

O Mordomo espevitou o pavio e colocou também mais um tronco na lareira, depois ficou a escutar atentamente à porta do Refeitório

antes de se servir de uma mão-cheia de folhas que tirou do moinho de tabaco.

Mal tinha acabado de fechar a tampa do moinho quando a maçaneta da outra porta rodou, fazendo-o saltar nervosamente. Lyra tentou não se rir. Apressadamente, o Mordomo colocou as folhas no bolso e virou-se para encarar o recém-chegado.

— Lorde Asriel! — exclamou ele, e um arrepio de surpresa percorreu o corpo de Lyra. De onde estava escondida, não o conseguia ver e tentou controlar o impulso para mudar de posição para ver melhor.

— Boa noite, Wren — respondeu Lorde Asriel. Lyra escutava sempre aquela voz áspera com um misto de prazer e apreensão. — Cheguei demasiado tarde para o jantar. Eu aguardo aqui mesmo.

O Mordomo parecia pouco à vontade. Os convidados só entravam na Sala Reservada a convite do Mestre e Lorde Asriel sabia disso; mas o Mordomo também percebeu que Lorde Asriel olhava severamente para a protuberância visível no bolso do casaco e decidiu não protestar.

— Devo anunciar ao Mestre que haveis chegado, meu senhor?

— Não há qualquer problema nisso. Podes também trazer-me um pouco de café.

— Muito bem, meu senhor.

O Mordomo fez uma vénia e apressou-se a sair, o seu génio trocando submissamente junto dele. O tio de Lyra aproximou-se da lareira, esticou os braços acima da cabeça, espreguiçando-se, e bocejou como um leão. Envergava roupas de viagem. Lyra recordou-se, como sempre acontecia quando o via, quanto ele a aterrorizava. Nem pensar agora em tentar sair despercebidamente: tinha de se sentar quieta e esperar.

O génio de Lorde Asriel, uma pantera-das-neves, estava de pé atrás dele.

— Vais fazer a projeção aqui? — perguntou ela calmamente.

— Sim. Provocará menos confusão do que se nos mudarmos para o Anfiteatro. Eles também desejarão ver as amostras. Chamarei o porteiro dentro em breve. Este não é um momento propício, Stelmária.

— Devias descansar.

Lorde Asriel estendeu-se numa das cadeiras de braços, pelo que Lyra deixou de poder ver-lhe o rosto.

— Sim, sim. E também devia mudar de roupa. Há provavelmente uma qualquer regra de etiqueta antiga que lhes permitirá multar-me numa dúzia de garrafas por entrar aqui vestido de forma imprópria. Mas o que acontece é que...

Ouviu-se uma pancada na porta e o Mordomo entrou com uma bandeja de prata onde transportava uma chávena e uma cafeteira.

— Obrigado, Wren — disse Lorde Asriel. — Aquilo em cima da mesa é o Tokay?

— O Mestre mandou que o decantasse especialmente para Vossa Senhoria — respondeu o Mordomo. — Já só há três dúzias de garrafas da colheita de 98.

— Todas as coisas boas acabam depressa. Deixa ficar a bandeja aqui ao pé de mim. Ah, pede ao Porteiro que mande para cima as duas caixas que eu deixei na Portaria, está bem?

— Para aqui, meu senhor?

— Sim, homem, para aqui. E preciso de um ecrã e de uma lâmpada de projeção, também para aqui e também agora.

O Mordomo mal pôde evitar abrir a boca de espanto, mas conseguiu calar a pergunta, ou o protesto.

— Wren, estás a esquecer-te de qual é o teu lugar — continuou Lorde Asriel. — Não me questiones, limita-se a fazer o que te mandei.

— Muito bem, meu senhor — respondeu o Mordomo. — Se me é permitida uma sugestão, talvez fosse melhor informar o Sr. Cawson sobre o que Vossa Senhoria planeia, ou então ele será tomado de surpresa, se é que me faço entender.

— Sim. Informa-o então.

O Sr. Cawson era o Ecónomo. Havia uma antiga e bem conhecida rivalidade entre ele e o Mordomo. O Ecónomo era o superior hierárquico, mas o Mordomo tinha mais oportunidades para granjear a simpatia dos Académicos e aproveitava-as em pleno. Ele ficaria encantado por ter mais esta oportunidade para provar ao Ecónomo que sabia mais sobre o que se passava na Sala Reservada do que o seu superior.

O Mordomo fez uma vénia e retirou-se. Lyra observou enquanto o tio enchia uma chávena com café, a bebia de um trago e enchia outra chávena, antes de beber mais devagar. Ela estava em pulgas: caixas com amostras? Uma lâmpada de projeção? O que seria que ele tinha para mostrar aos Académicos que fosse assim tão importante e urgente?

Nesse momento, Lorde Asriel levantou-se e afastou-se da lareira. Agora, Lyra podia vê-lo de corpo inteiro e maravilhou-se com o contraste que ele fazia com o gordo Mordomo e os vergados e lânguidos Académicos. Lorde Asriel era um homem alto, de ombros largos,

feições morenas e cruéis, e os olhos pareciam brilhar e tremeluzir com um sorriso selvagem. Era uma expressão que desafiava o domínio ou a luta, nunca uma expressão que apelasse ao paternalismo ou à piedade. Todos os seus movimentos eram largos e perfeitamente equilibrados, como os de um animal selvagem, e quando ele entrava numa sala como aquela, parecia, de facto, um animal selvagem preso numa jaula demasiado pequena.

Naquele momento, a sua expressão era distante e revelava preocupação. O seu génio aproximou-se e colocou a cabeça sobre o peito dele. Lorde Asriel baixou os olhos para ele e olhou-o de forma absolutamente imperscrutável antes de se afastar e se dirigir para a mesa. Lyra sentiu, subitamente, uma contração no estômago, pois Lorde Asriel tinha retirado a rolha da garrafa de Tokay e deitava um pouco do líquido num copo.

— Não!

O grito em voz baixa saiu antes de Lyra o poder calar. Lorde Asriel ouviu-o e virou-se rapidamente.

— Quem está aí?

Ela não pôde evitá-lo. Saiu aos trambolhões de dentro do armário e ergueu-se para lhe arrancar o copo da mão. O vinho saltou do copo e espalhou-se pela mesa e pela tapete, depois o copo caiu e partiu-se. Lorde Asriel agarrou-lhe o pulso e torceu-lho com força.

— Lyra! Que raio estás a fazer aqui?

— Solte-me e eu digo-lhe!

— Primeiro parto-te o braço. Como te atreves a entrar aqui?

— Eu acabei de lhe salvar a vida!

Ficaram ambos calados por um momento, a rapariga contorcendo-se com dores, mas esforçando-se por não gritar, o homem inclinado sobre ela, ameaçador como um trovão.

— O que é que disseste? — perguntou num tom de voz mais calmo.

— Aquele vinho está envenenado — resmungou ela com os dentes cerrados. — Eu vi o Mestre deitar um pó lá dentro.

Ele soltou-a. Lyra deixou-se cair no chão e Pantalaimon voou ansiosamente e poisou no seu ombro. O tio olhou para baixo com uma raiva contida e Lyra não se atreveu a olhá-lo nos olhos.

— Eu entrei aqui apenas para ver como era a sala — continuou. — Eu sei que não devia ter feito isso. Eu pensava sair antes de alguém entrar, mas ouvi o Mestre a aproximar-se e fiquei encurralada.

O armário era o único sítio onde me podia esconder. E vi-o deitar o pó dentro da garrafa. Se não tivesse...

Ouviu-se um bater na porta.

— Deve ser o Porteiro — disse Lorde Asriel. — Esconde-te outra vez no armário. Se eu ouvir o mais pequeno barulho, farei com que te arrependas profundamente.

Lyra correu para o armário e, mal tinha acabado de fechar a porta, Lorde Asriel exclamou: — Entre.

Tal como ele tinha previsto, era o Porteiro.

— Para aqui, meu senhor?

Lyra observou o homem idoso a ficar parado, hesitante, à porta e, atrás dele, o canto de uma caixa enorme.

— Exatamente, Shuter — respondeu Lorde Asriel. — Traz as duas caixas para dentro e coloca-as junto à mesa.

Lyra descontraíu-se por um momento, sentindo a dor que lhe percorria o pulso e subia até ao ombro. Teria sido o suficiente para a fazer chorar, se ela fosse o tipo de rapariga que chora. Em vez disso, cerrou os dentes e moveu o braço com cuidado até o sentir mais solto.

Então soou o som de vidro quebrando-se e de um líquido derramando-se no chão.

— Raios te partam, Shuter, meu velho desastrado! Olha o que fizeste!

Só Lyra pôde realmente ver o que acontecera. O tio entornara a garrafa de Tokay e fizera com que parecesse que tinha sido o Porteiro. O velho poisou a caixa cuidadosamente no chão e começou a desculpar-se.

— Lamento muito, senhor... devo ter-me aproximado mais do que pensava...

— Vai buscar qualquer coisa para limpar esta porcaria. Despacha-te, antes que ensopo o tapete.

O Porteiro e o seu jovem assistente apressaram-se a sair. Lorde Asriel aproximou-se do armário e falou em voz baixa.

— Uma vez que estás aí, sempre podes fazer qualquer coisa de útil. Observa atentamente o Mestre quando ele entrar. Se me contares alguma coisa interessante sobre ele, farei com que não te metas em sarilhos maiores do que aqueles em que já estás. Percebeste?

— Sim, tio.

— Faz um ruído que seja aí dentro e eu não te ajudo. Ficas por tua conta.

Lorde Asriel afastou-se e colocou-se de novo de costas para a lareira quando o Porteiro voltou com uma vassoura e uma pá para apanhar os vidros e um balde com um pano.

— Só posso pedir-lhe, de novo, as minhas mais humildes desculpas. Não sei como...

— Despacha-te a limpar essa porcaria.

Quando o Porteiro começou a limpar a mancha de vinho do tapete, o Mordomo bateu à porta e entrou juntamente com o criado de Lorde Asriel, um homem chamado Thorold. Traziam entre eles uma caixa pesada de madeira polida com pegas de bronze. Viram o que o Porteiro estava a fazer e pararam subitamente.

— Sim, era o Tokay — disse Lorde Asriel. — Foi uma pena. Isso é a lanterna? Coloca-a junto do armário, Thorold, se não te importas. Eu monto o ecrã do outro lado.

Lyra percebeu que poderia ver o ecrã e o que lá fosse projetado através da fresta da porta e interrogou-se se o tio teria escolhido aquela posição deliberadamente. Aproveitando o ruído que o criado fez desenrolando a tela de linho rígido e colocando-a na moldura, Lyra murmurou:

— Estás a ver? Sempre valeu a pena vir, não foi?

— Talvez sim — respondeu Pantalaimon com severidade, na sua voz fina. — E talvez não.

Lorde Asriel permaneceu junto à lareira bebericando o resto do café e observando, carrancudo, enquanto Thorold abria a caixa da lanterna de projeção e destapava as lentes, antes de verificar o depósito de azeite.

— Há azeite suficiente, meu senhor — constatou ele. — Desejas que chame um técnico para a manusear?

— Não. Eu mesmo farei isso. Obrigado, Thorold. Eles já acabaram de jantar, Wren?

— Penso que já faltará pouco, meu senhor — respondeu o Mordomo. — Se conheço bem o Sr. Cawson, o Mestre e os outros não se demorarão muito assim que souberem que o senhor está aqui. Devo levar o tabuleiro do café?

— Leva e sai.

— Muito bem, meu senhor.

Com uma ligeira vénia, o mordomo pegou na bandeja e saiu. Assim que a porta se fechou, Lorde Asriel olhou para o outro lado da sala, diretamente para o armário, e Lyra sentiu a força daquele olhar quase como se ele tivesse uma forma física, como se fosse uma flecha

ou uma lança. Depois, Lorde Asriel desviou os olhos e falou docemente com o seu gênio.

A pantera sentou-se calmamente ao lado do homem, atenta, elegante e perigosa, os olhos verdes vigiando a sala antes de os virar, ao mesmo tempo que os olhos negros de Lorde Asriel, para a porta que dava para o Refeitório, quando a maçaneta rodou. Lyra não conseguia ver a porta, mas ouviu uma inspiração profunda quando o primeiro homem entrou.

— Mestre — cumprimentou Lorde Asriel. — Sim, estou de volta. Por favor, chame os seus convidados. Tenho algo muito interessante para lhes mostrar.